



## EDITORIAL

### POR QUE ADJETIVAR A ALFABETIZAÇÃO?

Por *Elianeth D. Kanthack Hernandes*

O sentido etimológico do termo alfabetização está relacionado, de forma restrita, com a aquisição do alfabeto e o conhecimento das letras que o compõem. Essa origem tem propiciado um entendimento também restrito do termo como sendo a aquisição de técnicas que permitem o estabelecimento de uma relação entre grafemas e fonemas. Pensar a alfabetização em sentido amplo, para além de sua origem etimológica, é o que motiva o NAHum, a adjetivar esse termo, com o peso do sentido da palavra 'humanizadora'.

É importante esclarecer que a 'humanização' que buscamos nessa proposta, não está vinculada a um ideal de Homem, por considerarmos ser essa uma tarefa inconclusa, que solicita um constante 'vir a ser'. Sendo assim, a humanização pretendida aqui é aquela que, em seu sentido lato, potencializa a característica social do homem, sua endoculturação, trazendo-o para dentro da cultura letrada, integrando-o como participante ativo da produção de sua humanização, de forma singular e inseparável das interações que o constituem.

Na sociedade contemporânea, a escrita e a cultura decorrente dela são dispositivos importantes também para o processo de humanização dos indivíduos. Como patrimônio cultural da humanidade, os usos sociais da linguagem escrita representam um direito a ser garantido a todos, desde os anos iniciais da escolarização básica. Garantir às crianças a aprendizagem dos usos sociais da linguagem

escrita pressupõe incluí-las em diferentes práticas sociais, que possibilitam a aquisição de uma das mais importantes heranças culturais da humanidade. Herança essa que é responsável não só pelo modo como as sociedades se organizam, como também é determinante para o modo de ser e de pensar das pessoas.

O que nos motivou e despertou para a constituição do Núcleo de Alfabetização Humanizadora foi o fato de identificarmos que os atos envolvidos no uso social da linguagem escrita têm ocupado um lugar muito insignificante na rotina escolar, principalmente ao considerarmos o papel fundamental que desempenham, tanto no desenvolvimento cognitivo, como no pessoal e no cultural de cada uma das crianças. Precisamos refletir sobre se a escola não tem dedicado mais tempo em ensinar as crianças o desenho e os sons das letras e a formação das sílabas e das palavras, do que em ensinar os atos sociais de escrita e de leitura.

Às vezes a linguagem escrita tem deixado de ser ensinada porque a mecânica de transformar letras em sons tem ocupado o seu lugar. Como consequência, temos que a tradição pedagógica, quando coloca ênfase nas palavras soltas e nas convenções ortográficas, tem reduzido a alfabetização a uma mera aprendizagem de um sistema de escrita de base alfabética, que ao invés de contribuir para a humanização dos indivíduos, dificulta o percurso até ela. Sendo assim, defendemos ser preciso redefinir o conteúdo da alfabetização, com ênfase nos atos sociais de escrita, nos mais diversos contextos em que se apresenta no mundo letrado.

## DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

### O B COM A NÃO FICA BA...REALMENTE!

Por *Elianeth D. Kanthack Hernandes*

Enquanto no âmbito acadêmico, os estudos sobre a alfabetização, nos últimos 40 anos, têm proporcionado, de forma recorrente, debates entre diferentes tendências teóricas e ideológicas, no mesmo período, críticas contra o desempenho dos alunos ao final do período legalmente destinado à alfabetização e suas previsíveis consequências, são explicitadas com frequência por artigos assinados, ora por economistas, ora por jornalistas, em diferentes espaços midiáticos. Essas denúncias normalmente apontam que, apesar da revolução tecnológica em curso e da ampliação das possibilidades de acesso à cultura letrada na atualidade, nossas crianças não têm se apropriado daquilo que tais denunciadores consideram ser o objeto de aprendizagem do processo de alfabetização: os conhecimentos da técnica de uso da escrita como um sistema alfabético de natureza fonética.

Enquanto isso, no meio acadêmico, algumas correntes teóricas têm se fortalecido sobremaneira nas últimas décadas defendendo perspectivas consideradas como sendo progressistas: aquelas que anunciam a necessidade de dois processos para a aquisição daquilo que consideram ser a apropriação da 'base alfabética da língua escrita'. Esses processos ocorreriam de forma concomitante e complementar: um que seria o responsável pela aquisição da técnica do ato de ler e escrever - tendo como ponto de partida e de chegada a consciência fonológica -, e outro processo, que se ocuparia de relacionar a técnica aprendida, com os usos sociais da linguagem escrita. Os defensores desses dois processos supostamente complementares para a aprendizagem da leitura e da escrita, mesmo quando admitem a linguagem como produto de interações sociais, considerada a partir do comprometimento com seu caráter linguístico, não deixam de considerar a sua aprendizagem como decorrente daquilo que chamam de "consciência fonológica", ou seja, a aquisição da técnica de traduzir grafemas em fonemas e vice-versa.

Outra corrente teórica sobre a alfabetização, que ampliou sua visibilidade a partir da publicação do Decreto nº 9.765/2019, que instituiu a Política Nacional de Alfabetização, é a que coloca no centro do processo de aprendizagem da leitura e da escrita as relações grafofônicas.

Ao assumir, por decreto, essa concepção, o governo federal incentivou o que tem sido reiteradamente veiculado nas mídias sociais, ou seja, as inúmeras propagandas de cursos de formação de professores e de venda de materiais didáticos que têm como principal chamariz o ensino da língua escrita pelo método fônico. Uma das propagandas que têm frequentado diariamente as mídias sociais utiliza como chamada provocativa a frase que dá título a esta seção: "O B com A não fica BA". Os demais elementos textuais que compõem tal propaganda permitem supor que a concepção sobre o processo de alfabetização que será veiculada nesses cursos tem também como base a fonética.

Em resposta a essa provocação, o que pretendemos argumentar neste espaço interativo denominado 'de professor para professor' é que realmente 'B com A não fica BA', mas também que, ao contrário do que os propositores dessa frase pretendem nos fazer crer, B com A, não diz nada e não significa nada quando se trata do objeto de ensino da alfabetização - a linguagem escrita que realmente liga os homens em suas trocas e interações. Ou seja, o som registra e constitui o sentido nas trocas orais, onde ele é elemento fundante, já para a escrita os elementos fundantes são os caracteres (letras e demais sinais gráficos). Os sentidos quando registrados por sons - nas trocas orais-, ou por caracteres - nas trocas que envolvem a escrita-, pressupõem dois processos de aprendizagens distintos e específicos: um relacionado a aprender a falar e a ouvir, e o outro que diz respeito à aprendizagem do ler e escrever. Sendo assim, é possível admitir a necessidade das duas consciências: a fônica para operar no mundo sonoro da linguagem e a gráfica que diz respeito ao mundo visual, permitindo o conhecimento entre os traços visíveis e o significado da palavra.

Na análise dos documentos oficiais que, nas últimas décadas, têm tido a competência de organizar as políticas curriculares para as diferentes etapas de ensino da Educação Básica no Brasil, fica evidenciada a indefinição do que realmente seria o objeto de ensino deste nível de escolarização. O currículo aparece ora dando ênfase aos conteúdos, ora se apresenta centrado nos interesses dos alunos e aparece ainda com uma terceira possibilidade,

a de ter como foco o desenvolvimento de competências e habilidades. Essa indefinição fica ainda mais evidente no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde o conceito de alfabetização aparece como uma das etapas de outro processo, mais amplo, denominado 'letramento' ou 'literacia'. De acordo com os defensores dessa corrente teórica, esse processo mais amplo teria início antes da escolarização e não se encerraria nela. De acordo com essa corrente, a 'alfabetização' teria um papel coadjuvante, cabendo a ela garantir ao alfabetizando as ferramentas de sistematização daquilo que denominam 'sistema alfabético de escrita'. Nessa lógica, as ferramentas estariam ligadas ao desenvolvimento da consciência fonológica, o que significa uma aproximação conceitual com as metodologias de ensino da língua escrita, que têm como base a fonética e a relação grafema-fonema. É importante destacar que a valorização dada ao método fônico foi construída, no Brasil, pelo pressuposto da necessidade da consciência fonológica.

O fato de existir uma grande adesão de acadêmicos que assumem a concepção teórica da existência de dois processos coexistentes para que a criança aprenda a ler e escrever tem reforçado o uso, durante a alfabetização, de práticas antigas de utilização de correspondências grafofônicas, que têm o poder de descolar o ato humano do objeto 'linguagem escrita' a ser aprendido. Como, nessa perspectiva, não existe preocupação com os enunciados, mas com a aprendizagem de sílabas e de sons das letras, o sentido fica secundarizado nesse processo. Nos procedimentos didáticos adotados pelos defensores dessa concepção de alfabetização os enunciados não são valorizados porque a língua escrita, a ser ensinada nesse momento específico, é assumida como sendo um objeto de natureza técnica, no qual o signo ideológico - o formador da consciência quando inserido nas relações sociais - pode e deve ficar ausente. É preciso também esclarecer que quando a escrita é entendida dessa forma, como um sistema de notação da fala, o aluno é valorizado por suas características biológicas, tendo como base o estudo do cérebro pelas ciências cognitivas.

Na concepção que defendemos aqui, a linguagem escrita se vincula à linguagem oral pelos sentidos compartilhados entre os sujeitos sociais em situações dialógicas e não por elementos técnicos, que pressuporiam a capacidade de transformar letras em sons ou vice-versa. A linguagem escrita, por sua constituição de artefato cultural, historicamente produzido pelos homens,

não nos dá, por sua natureza, a opção de ensiná-la de forma isolada das ações humanas, mas, ao invés disso, a sua aprendizagem demanda o estudo de enunciados gráficos, que se organizam em linguagem escrita, produto de relações humanas.

Ao assumirmos que a linguagem escrita e a leitura não têm como base os aspectos sonoros, mas sim os gráficos, a presença de material nas salas de aula com vista ao oferecimento de atos de escrita e de leitura não pode ter como base a sonorização. O oferecimento desses materiais deve estar pautado em suportes de escrita, tais como revistas, jornais, livros, mensagens eletrônicas e outros que propiciem a interação com variados textos escritos. A linguagem escrita, na forma de enunciados, precisa ser oferecida aos alunos durante o ensino e a aprendizagem dos atos de ler e de escrever presentes nos diferentes gêneros textuais, porque ler e escrever são atos dialógicos que ocorrem entre sujeitos históricos e que, por isso mesmo, são fundamentais no processo de humanização dos homens. Portanto, a transcrição dos sons de B com A, não só não formam BA, como também não se constituem em enunciados que possam contribuir para uma alfabetização humanizadora.

---

ARENA, Dagoberto Buim. Nem literacia, nem letramento. **Revista Brasileira de Alfabetização** – Número 13 – 2020, p. 71-87.

\_\_\_\_\_, Considerações em torno do objeto a ser ensinado: Língua Linguagem Escrita e Atos Culturais de ler e escrever. In: A. R. GUIZZO; R.C.M. SILVA; D. R. S. MORAES (Org.). **Humanidades nas Fronteiras: saberes e Pesquisas interdisciplinares** – Cascavel – PR, EDUNIOESTE, 2020. p. 15-30.

BAJARD, Élie. O signo gráfico, chave da aprendizagem da escrita. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, MG, v.23, n.1, p. 201-225, jan./jun. 2016.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Trad. De Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

## EU FAÇO ASSIM

### O USO DO WHATSAPP NA ALFABETIZAÇÃO

Por Sônia de Oliveira Santos

O uso dos dispositivos digitais, especificamente, os *smartphones*, por crianças no início da apropriação da linguagem escrita, não é bem aceito pelos defensores dos gestos tradicionais realizados com os movimentos dos dedos agarrados ao lápis.

De modo geral, os que rejeitam o uso desses dispositivos e seus aplicativos, não levam em consideração que, ao escrever uma mensagem no *WhatsApp*, a criança compreende a função primordial da linguagem escrita: o diálogo com o Outro, que na visão de Bakhtin e Volosinov é o que orienta todo o processo de construção dos enunciados. Ressalto com base nesses autores que a linguagem, os enunciados e as palavras existem desvinculados da relação com o Outro, o interlocutor.

No aplicativo *WhatsApp* a troca de mensagem ocorre em tempo real e a criança lida com uma linguagem híbrida, o que torna viável a sobreposição da linguagem verbal com a imagética e a sonora, o uso do teclado virtual, do banco de palavras, dos emojis, entre outros recursos que ajudam no processo de inscrição dos enunciados na tela.

Neste relato, apresento escritas de uma criança (Marcela) de 1º ano do Ensino fundamental durante a troca de mensagens no aplicativo *WhatsApp*. Inicialmente dialogamos sobre as funcionalidades do aplicativo. Ela escolheu o interlocutor e iniciou a escrita da mensagem. Anotei a sua intenção inicial para acompanhar e ajudá-la na inscrição na tela, porque ela ainda não escrevia de modo convencional. Os prints evidenciam o momento em que faz suas tentativas de escrita do enunciado *Eu gosto de estudar* em resposta à pergunta *Você gosta de estudar, Marcela Clara?*, feita por sua interlocutora.



(Isldlo)

Eu gosto de estudar

Inscrição do enunciado na tela, sem ajuda

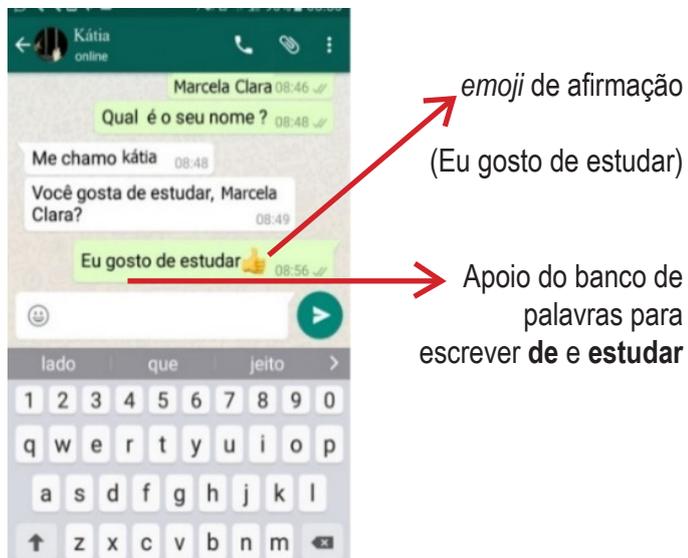


(Eu gsldlo)

Apoio do banco de Palavras para escrever gosto

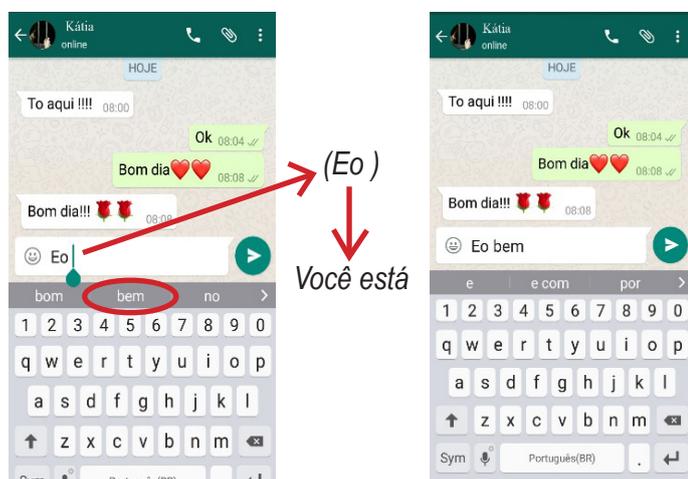
Marcela, desconhece os caracteres-letras, por isso aponto no teclado o E e U para escrever eu, em seguida aponto o G. Com minha ajuda localiza a palavra *gosto* no banco de palavras. Os caracteres utilizados por ela são unidades, visualmente componentes de um enunciado pleno de sentido, (BAJARD, 2016) porque são partes de

um todo, isto é, da mensagem, porém se usados à margem dos enunciados serão apenas elementos técnicos desprovidos de sentidos.

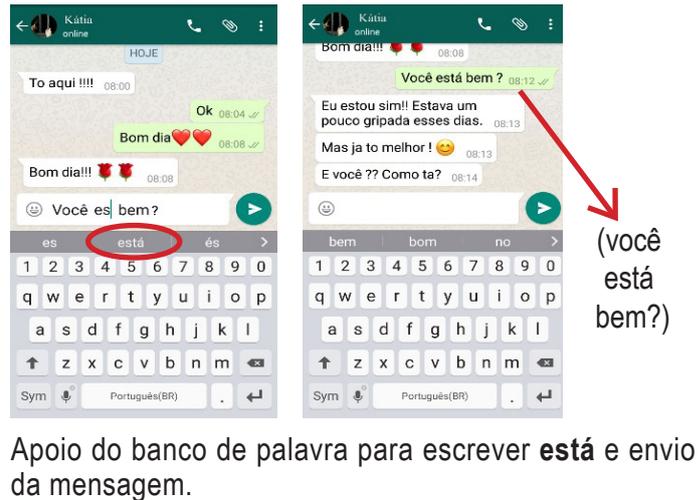


Com o teclado do smartphone, a noção de função da letra é ampliada, porque Marcela tem diante dos olhos um conjunto de caracteres e não somente as letras do alfabeto. Apesar de a letra ser um caractere com funções específicas dentro do sistema alfabético, ela não abandonou sua natureza ideográfica.

Outro caractere importante ressaltado pelo teclado virtual dos smartphones, porém negligenciado no início da alfabetização, é o espaço em branco. Marcela utilizou esse caractere ao escrever o enunciado *Você está bem?* endereçado a sua interlocutora.



Inserção do espaço em branco e escolha no banco de palavras para escrever **bem**



Apoio do banco de palavra para escrever **está** e envio da mensagem.

Marcela insere o espaço em branco em seu enunciado, em seguida escolhe a palavra **bem** pelo banco de palavras. A palavra **está** não aparece na tela, então aponto os caracteres iniciais **E** e **S** para que ficasse visível e fosse escolhida por ela. A inserção do espaço em branco ajuda Marcela a elaborar o conceito de palavra. Esse modo de lidar com a escrita também cria condições para a escolha da grafia convencional. O espaço em branco é um caractere inteiramente visual e só tem função dentro do enunciado. As ações realizadas por ela para escrever seus enunciados no *WhatsApp*, criaram as bases necessárias para a construção de uma **consciência gráfica**, (BAJARD, 2016) específica da escrita, em vez de perder-se nos labirintos da consciência fonológica, própria do universo da oralidade. Além disso, o uso dos dispositivos digitais altera o modo como ela lida com a escrita, o seu modo de pensar e amplia as possibilidades de sua inserção no mundo da cultura escrita e no mundo digital.

SANTOS, S. O. **Apropriação da linguagem escrita por meio de aplicativos em dispositivos digitais**. 2019. Tese (doutorado) Universidade Universidade Estadual Paulista.

BAJARD, Élie. O signo gráfico, chave da aprendizagem da escrita. **Ensino Em Re- Vista**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 201-225, jan./jun.

## MURAL

### DIÁLOGO COM OS LEITORES

“O que mais me chamou a atenção no boletim foi a questão da Alfabetização humanizadora. Muito interessante essa forma de alfabetizar. A Hora e a vez das crianças humanizarem-se também me chamou muita atenção. Está provado que a criança aprende com o meio em que vive. Portanto, nessa fase da alfabetização, faz-se necessário oferecermos às crianças uma grande diversidade de materiais para que possam desenvolver as suas capacidades e habilidades. E quanto maior for o envolvimento das crianças com as mais variadas produções culturais, mais terão a chance de dominar a língua materna e, conseqüentemente, compreender de forma consciente o meio em que vive”  
**Professora Marinete Corrêa Santos** - UEB Agostinho Vasconcelos – São Luís -MA

“O boletim alfabetização nos ajuda a refletir sobre esse momento tão importante quão complexo da infância. O compartilhamento de experiências de outros docentes, em particular, nos ajuda a vislumbrar na prática a importância de um ensino baseado também em textos cotidianos, como jornais, bem como a importância do fazer e refazer, colocando em prática novas habilidades adquiridas a partir dos estudos”.  
**Professora Talita Martins Faria Marques** - Cap-ESEBA/UFU, Uberlândia-MG.

### LITERATURA NA RODA

A leitura de um livro é, ao mesmo tempo, o encontro com o outro e o encontro com uma parte da cultura historicamente acumulada e materializada nesse objeto, fruto de uma objetivação humana, que foi oportunizada pela apropriação de um conteúdo cultural inserido em processos interativos precedentes. Esse momento, que contém em si a relação entre um sujeito leitor e um objeto cultural produzido por outro sujeito, revela o movimento histórico do processo de humanização de cada membro das novas gerações, as quais sempre começam sua vida no mundo criado pelos outros que os antecederam na existência humana, bem como contribuirão, futuramente, com a formação e desenvolvimento de novas gerações.

A atividade de leitura tem, nesse contexto, uma importância fundamental para a formação da criança, pois esta, por meio da leitura, tem a chance de conhecer as marcas deixadas por outras gerações nas diferentes épocas históricas, apropriando-se de conhecimentos, refletindo sobre os acontecimentos, sobre as ideias presentes no material

escrito, bem como desenvolvendo sua capacidade de compreensão não apenas acerca do conteúdo lido, mas também de si mesma e de seu papel no mundo em que vive.

Diante dessa constatação, faz-se necessária a adoção, na escola, de propostas de leitura que contribuam para que as crianças se libertem de técnicas reducionistas, que não geram de fato leitura, como a decodificação (decifração do código escrito), a oralização (conversão do registro escrito em um desencadeamento oral) e a vocalização (tradução em voz alta do que já foi compreendido pela leitura) e encontrem a possibilidade de vivenciar a leitura como atribuição de sentido ao enunciado - texto escrito.

Além disso, ler uma nova versão de um conto clássico possibilita às crianças perceberem que existe mais de um ponto de vista sobre uma história. No da obra abaixo, a Chapeuzinho ingênua e inocente do conto tradicional se transforma numa garota perspicaz e corajosa, capaz de enfrentar perigos com recursos próprios, enganando o Lobo Mau e deixando-o incapaz de lhe causar medo.

#### Uma Chapeuzinho Vermelho



Fonte: LERAY, M. Uma Chapeuzinho Vermelho. Companhia das Letrinhas, 2012.

### COMPARTILHANDO IDEIAS

Uma boa dica para fazer cartões postais com as crianças é usar elementos da natureza na criação das imagens do cartão, tais como: cascas de árvores, raízes, sementes, flores e folhas secas e, até mesmo areia e pequenas pedras. Esses elementos naturais podem ser fixados no cartão com cola e para que permaneçam lá, podem ser plastificados com papel contact. Com toda certeza, as crianças adorarão produzir seus próprios postais com elementos naturais para enviá-los recheados de informações para quem amam. Experimente, abuse de sua criatividade!



### FIQUE POR DENTRO

Para conhecer possibilidades de alfabetização em suportes digitais, leia o artigo a seguir:

DE OLIVEIRA SANTOS, S., & BUIM ARENA, D. (2019). Alfabetização e aplicativos de troca de mensagens. **Revista Brasileira De Alfabetização**, 1(8). <https://doi.org/10.47249/rba.2018.v1.297>.